

A última lição de Alain Touraine

Encontrei Touraine apenas uma vez, mas foi o seu pensamento que me marcou e seguiu desde os bancos da faculdade até à sua morte a semana passada.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 14 de Junho de 2023

A História é uma narrativa. E, nesse sentido, é uma disciplina literária. Mas é uma narrativa verdadeira. E, nesse sentido, tem qualquer coisa de científico. A escrita da história é literária, mas a investigação histórica recorre à teoria, ao método e às técnicas das Ciências Sociais. É por isso que, não sendo sociólogo, para fazer História, sempre precisei de estudar alguma coisa de Sociologia. Nos anos de faculdade, li os clássicos: Marx, Durkheim e Weber. Naqueles tempos, Marx era obrigatório. Li, estudei e não professei. Não me fez mal nenhum, pelo contrário. Durkheim também era obrigatório, mas por outra razão: para aprender “as regras do método”. Aprendi e nunca mais me esqueci. Mas, dos três, foi Weber aquele que me marcou, definitivamente.

Desde a leitura de *A Ciência como vocação* e *A política como vocação* que a epistemologia weberiana me acompanha e o seu pensamento me foi essencial para a história que fiz, da política e das relações internacionais. Mas também li alguns modernos: dos franceses, Bourdieu e Touraine. Bourdieu era, para muitos, um Papa. E eu lá tive que aprender o que era o *habitus*, a distinção e o poder simbólico. Nunca me seduziu. As frases eram quilométricas e quando encontrava o predicado já tinha perdido o sujeito. O discurso era confuso, o pensamento pesado e o resultado de um determinismo social triste e sem esperança. Pelo contrário, em Touraine o discurso era limpo, o pensamento claro e o resultado uma “sociologia da acção”, que põe no centro a liberdade do sujeito, a vontade de ser actor e a possibilidade de mudar. Uma sociologia rigorosa, mas criativa, mobilizadora, mas gentil. E sobretudo, que nos dá esperança.

Encontrei Touraine apenas uma vez, mas foi o seu pensamento que me marcou e seguiu desde os bancos da faculdade até à sua morte a semana passada. Formado em História, Touraine fez-se sociólogo, ou, como ele dizia, “historiador do presente. Nos anos 50, vai para as oficinas da Renault e é aí que faz o seu primeiro grande trabalho sobre a modernidade industrial: as transformações da maquinização sobre o trabalho humano e, ao mesmo tempo, sobre a consciência operária. Mas é também aí que nasce a sua primeira conceptualização teórica. Recusa, simultaneamente, o funcionalismo sociológico americano e o marxismo dominante em França e funda a sociologia da acção e o conceito de movimento social.

Nos anos 60, analisa o fim da sociedade industrial e, nos 70, o princípio da nova sociedade pós-industrial. No plano social, regista o declínio do movimento operário e a emergência dos novos movimentos sociais. No plano teórico, afasta-se da matriz económica da luta de classes e aproxima-se de uma matriz cultural de análise das reivindicações pós-materialistas: direitos, valores e identidades.

Maio de 68 é o momento-chave que prefigura a nova sociedade e os novos movimentos sociais que vai acompanhar nos anos seguintes: o Chile de Allende, a Polónia do Solidariedade, os sem-papéis de Paris, os zapatistas de Chiapas, os “coletes amarelos”, os imigrantes e refugiados. Mas é nos movimentos feministas que vê o modelo do movimento social criativo capaz de mudar o futuro da sociedade pós-industrial e das nossas democracias.

Há mais de uma década que a mulher ocupava a centralidade dos seus trabalhos, que não são mais do que a confirmação sociológica do poema de Aragon: “*La femme est l’avenir de l’homme*” (a mulher é o futuro do homem). E eu acho que ele tem razão.

No princípio tinha formulado a teoria: a sociologia da ação. Pelo caminho inventou um método: a intervenção sociológica. Ao contrário do “leninismo sociológico” de Bourdieu, que procura descodificar o sentido escondido dos movimentos sociais de que quer ser vanguarda, Touraine propõe um “sociólogo-intérprete” que se põe em contacto com os movimentos sociais e que procura explicitar o sentido da sua própria ação.

Nos últimos tempos, estava preocupado com a crise de sentido das nossas sociedades de capitalismo especulativo e incontrolável. Antes, as sociedades representavam-se a si próprias em termos religiosos, depois, políticos, agora, não sabem em que termos identificar-se. Também estava preocupado com a crise da democracia e quis conciliar Estado e mercado e reinventar o socialismo liberal. Nunca nos deixou sem esperança e continuou, sempre, a afirmar a liberdade e a criatividade da ação humana. E os valores humanistas e universalistas dos direitos humanos. Dizia que a sua formação tinha sido mais moral do que política. Talvez seja esta a sua última lição.

<https://www.publico.pt/2023/06/14/opiniao/opiniao/ultima-licao-alain-touraine-2053205>